

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social

**Sub-eixo: Ética, Direitos Humanos e enfrentamento das expressões cotidianas da
alienação e da barbárie**

**VALORES DA SOCIABILIDADE BURGUESA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO ROMANCE A HORA DA ESTRELA**

MARCELA MARI FERREIRA ARAI¹

OLEGNA DE SOUZA GUEDES²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de iniciação científica concluída no ano de 2023, construída a partir de análise bibliográfica. Buscou-se a análise de valores da sociabilidade burguesa explicitados no romance "Hora da Estrela", com aportes teóricos da perspectiva da estética lukcasiana. Dentre os resultados da pesquisa, apresentam-se valores dessa moralidade fundantes na descrição de personagens que protagonizam a trama do romance em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Moralidade burguesa; Sociabilidade burguesa; Estética

ABSTRACT

Values of bourgeois sociability in Brazilian society by the social issue: an analysis from the novel A hora da estrela. This article presents the results of scientific initiation research completed in 2023, built from bibliographic analysis. We sought to analyze the values of bourgeois sociability explained in the novel "Hora da Estrela", with theoretical contributions from the perspective of Lukcasian aesthetics. Among the research results, values of this morality are presented as foundations in the description of characters who star in the plot of the novel in question.

KEYWORDS: Bourgeois morality; Bourgeois sociability; Aesthetics

¹ Universidade Estadual de Londrina

¹ Universidade Estadual de Londrina

1 INTRODUÇÃO

O romance de Clarice Lispector, *A hora da estrela*, apresenta-nos trajetórias de personagens que experienciam a vida cotidiana sob determinações de seu lugar de classe na sociedade brasileira, à luz do regime autocrático burguês, ao final da década de 1970, que utiliza de mecanismos ideológicos de dominação para a legitimidade da ordem autoritária posta. Parte-se do pressuposto, nesse artigo, que as vicissitudes vivenciadas por três dos personagens centrais do enredo - Macabéa, Olímpico e Glória - colocam à tona as múltiplas determinações de uma sociedade atravessada por valores burgueses, transpostas, de modo singular, pelos personagens do romance. Este pressuposto inicial tem por interlocução as reflexões da estética Lukácsiana.

Se, para Lukács (2018), a arte realista¹ traz luz à compreensão sobre as grandes inquietações humanas, ao desfetichizar a cotidianeidade alienante dos indivíduos, acendendo-os às grandiosas questões da humanidade, de um determinado contexto histórico, a obra clariciana reafirma as dimensões mais amplas da humanidade discutidas a partir de particularidades dos valores presentes na sociabilidade burguesa.

Em vista disso, o artigo objetiva analisar os valores da sociabilidade burguesa explicitados no romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que expressam formas de dominação dessa sociabilidade. Para tanto, elencou-se os seguintes objetivos específicos: identificar as formas de dominação burguesa no Brasil, reafirmadas no final da década de 1970, retratadas nos personagens claricianos desta obra; elucidar aspectos da relação entre questão social na determinação de valores que caracterizam e ratificam a ordem burguesa no Brasil; estabelecer aproximações com a estética lukacsiana. Nessa perspectiva estética, o romance pode ser uma manifestação suscetível ao rompimento com formas estranhadas² da realidade, transpostas nas singularidades das histórias de personagens.

Longe de escamotear os embates proveniente das lutas de classe, em *A hora da estrela*, as trajetórias dos personagens de Lispector nos convida a submergir no mundo em que as contradições engendradas por determinações objetivas desvelam as dominações classistas, de

¹ Lukács (2018) identifica a arte como uma práxis social, que pode conscientizar os sujeitos. Quando a literatura cumpre essa função, tem-se a arte autêntica/realista.

² “Estranhamento social” é uma categoria a qual exprime que no desenvolvimento das relações sociais constroem-se formas de sociabilidade que obstaculizam a compreensão do ser tal como ele realmente é; expressando-se de modo particular, a depender do período histórico em que se apresenta.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

gênero e raça, exteriorizadas a partir das expressões da questão social, dada pela relação contraditória entre capital/trabalho. Ressalta, também, no bojo dessa estrutura de dominação, a realidade de migrantes nordestinos em dois grandes centros urbanos da região sul do país: São Paulo e Rio de Janeiro. Desse modo, parte-se da premissa de que a questão social expressa modos de ser, por vezes estranhados, exteriorizando uma sociabilidade corrompida e, portanto, esta é um eixo imprescindível na análise dos valores e da moralidade vigente.

Tal moralidade está intrinsecamente vinculada às refrações da questão social nas relações sociais e reforçam formas pujantes de dominação. E, esta reflexão permeia a temática de Lispector, potencializando as indagações mais fundamentais da existência humana, possibilitando generalizações concretas, através de experiências concretas singulares dos personagens.

Assim, esse artigo tem como objeto: aspectos da estrutura de dominação burguesa que se revelam na trajetória dos personagens centrais do romance *A hora da estrela*. Desta dominação, centra-se na análise de valores morais; delimita-se à década de 1970, no Brasil e referencia-se, no campo teórico-metodológico, no debate ontológico de valores que reproduzem o ethos burguês. Para a análise bibliográfica que orientou a pesquisa, foram considerados os eixos: a moralidade burguesa; expressões da questão social no Brasil na década de 1970; formas de dominação ideológica no Brasil na década de 1970; a estrutura da literatura clariciana no romance *A hora da estrela*.

2 TRAJETÓRIAS ESTRANHADAS: DE OUVINTE DA RÁDIO RELÓGIO ÀS VITRINES DE UMA GRANDE METRÓPOLE

A hora da estrela foi publicada em 1977, quando a ditadura militar brasileira já mostrava indícios de enfraquecimento, sinalizando uma abertura política para a redemocratização. Netto (2015) indica que este regime reproduziu os problemas estruturais do Brasil, diante de uma conjuntura global de golpes e mudanças nas relações de trabalho, aumentando a dependência de países latino-americanos, incluindo o Brasil, à ordem do capital.

Caracterizou-se, nesses países, um padrão de desenvolvimento econômico subalterno às aspirações imperialistas, sob a dominância de uma oligarquia financeira, aumentando a concentração de renda e disparidades regionais; com uma industrialização voltada às demandas das elites e do mercado externo. O resultado foi uma sociedade polarizada e uma pauperização inusitada, agravado por políticas antinacionais e antidemocráticas, de um aparato

estatal-burocrático assentado na doutrina de segurança nacional, resultando um pacto contrarrevolucionário (NETTO, 2015, p. 48).

O regime autocrático, no período em que foi publicada *A Hora da Estrela*, situa-se sob o governo Geisel (1974-1979), assistia gradualmente à crise do “milagre econômico”; marcado por promessas de redemocratização lenta e gradual. Contudo, o ostensivo rebatimento da ditadura na cultura brasileira, era evidente, com tentativas de controlar e moldar o cenário cultural, objetivando estabelecer um padrão cultural alinhado ao projeto modernizador do regime. O Estado adotou estratégias de intervenção cultural, dominando o mercado de bens simbólicos por meio de ferramentas burocrático-administrativas.

Até a década de 1970, a rádio desempenhava um papel significativo no cotidiano dos brasileiros, na formação de identidades e propagação de ideologias, sobretudo em localidades distantes das grandes cidades. (“Memórias da Ditadura” [s.d.].) Enquanto a classe média migrava para as rádios FM e televisão, o entretenimento radiofônico voltou-se para a música, em detrimento das radionovelas. Os estratos populares, no entanto, ainda consumiam a rádio AM como principal veículo de informação, com programações centradas em notícias policiais, músicas e variedades, frequentemente ouvidas no popular “rádio pilha”. Nesse contexto, grupos de direita utilizaram a rádio AM para propagar sua ideologia. Uma campanha notável desse período foi a que se opunha à promoção dos “direitos humanos”, termo frequentemente usado pela esquerda (MEMÓRIAS DA DITADURA, [s.d.]).

Durante a ditadura militar, os meios radiofônicos se tornaram, sobretudo, instrumentos do regime autocrático, mas apesar desses reforços, a resistência também encontrou espaço nas ondas da rádio, como a transmissão do discurso de Rubens Paiva³ contra o golpe e a mensagem de Carlos Marighella⁴, líder da Ação Libertadora Nacional (MEMÓRIAS DA DITADURA, [s.d.]). Netto (2015) observa que a ditadura não conseguiu compelir completamente a oposição cultural, permitindo espaços limitados para vetores críticos e contestadores, mesmo que em um contexto estritamente intelectual.

No entanto, o período entre o final da década de 1960 e meados dos anos de 1970 é marcado por um vazio cultural⁵, produto das ações repressivas do regime. Na perspectiva

³ Deputado Federal que discursou na Rádio Nacional contra o golpe militar, em 01 abril de 1964.

⁴ Militantes da ALN tomaram a estação da Rádio Nacional (1969) para divulgar o manifesto de Marighella.

⁵ Consultar NETTO (2015), a partir da página 113



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

lukacsiana (2018), a cultura expressa o movimento histórico e pode tanto apresentar possibilidades libertárias. É nessa direção, e no contexto da ditadura militar que se situam as trajetórias dos personagens de *A hora da estrela*, explicitando modos de ser moldados pelos valores e tensões desse período, ilustrando as nuances das relações sociais da época.

Para Silva (2005), Macabéa é a representação do público da cultura de massa. Migrante no subúrbio carioca dos anos 1970, ela enfrenta desafios para se adaptar à metrópole, seus modos e forma de sociabilidade. A Rádio, objeto inseparável da protagonista do romance, com sua produção massificada, atendia a esse perfil de receptor deslocado de seu contexto social original. O fascínio da personagem com as palavras da rádio notável, mesmo sem entender seu significado ou origem, Macabéa representava a negação das palavras, admirando-as e reproduzindo-as sem realmente compreendê-las, uma manifestação do anonimato. Para ela, as palavras, em si, eram suficientes.

Essa mesma resignação na recepção das palavras é reproduzida cotidianamente por Macabéa em suas relações, a julgar o seu encontro com a cartomante, em que a nordestina assimila as previsões promissoras para o seu futuro com um certo encantamento, apartada de qualquer ponderação contestadora (SILVA, 2005). Macabéa, no contexto social descrito pelo autor, vive uma vida limitada pelo rigor do mundo do trabalho e pelas mensagens e propagandas radiofônicas que definem seus sonhos. Seu cotidiano se resume à Rádio Relógio e seu papel como datilógrafa, com escasso convívio social. Nem sua única relação, Olímpico, valoriza suas conversas, intensificando sua condição de anonimato.

Por estas razões, Macabéa é a personificação da alienação; Glória, outra personagem, é produto da ferocidade do patriarcado; enquanto Olímpico, que é o triângulo amoroso entre essas personagens, exterioriza a fetichização alardeada pela estrutura de poder desdobrada pela sociedade de classes.

3 ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO BURGUESA NOS VALORES QUE ORIENTAM TRAJETÓRIAS DOS PERSONAGENS CENTRAIS DE *A HORA DA ESTRELA*

Os personagens claricianos não refletem meras individualidades; são objetivações dos movimentos e realidades maiores da sociedade. As expressões da questão social⁶ são

⁶ Consultar Josiane Santos; José Paulo Netto e Iamamoto.

determinantes para a construção dos personagens como Macabéa, Glória e Olímpico, influenciando suas identidades e reprodução dos valores burgueses.

As contradições, condicionadas por esse tensionamento das classes sociais, se expressam nas diversas formas de ser, muitas vezes, de modos estranhados nas trajetórias dos personagens em *A hora da estrela*. Não por acaso, tais formas são identificadas no romance de Lispector como elementos primordiais para a objetivação de seus personagens. As particularidades das expressões da questão social no Brasil, no final de 1970, exteriorizam determinadas formas de ser balizadas pelos valores da sociabilidade burguesa.

Macabéa e Olímpico são símbolos da população nordestina desqualificada por estereótipos geográficos e sociais. Glória e Macabéa enfrentam expectativas de serem mulheres aos moldes da ordem patriarcal de gênero, enquanto Olímpico anseia pelo poder de reafirmar tal ordem. Segundo Saffioti (1987), os preconceitos não são somente expressões de ideias mistificadoras, mas são assentados por estruturas de poder.

A autora destaca que as relações de dominação e exploração vão além dos preconceitos e são estruturalmente enraizadas na sociabilidade burguesa, sendo o preconceito apenas uma dimensão dessa dominação, seja racial, de gênero ou classe.

A identidade de homens e mulheres é assentada em papéis sociais definidos historicamente, majoritariamente por homens dominantes, para reforçar a suposta superioridade masculina. Analogamente, estereótipos contra nordestinos, frequentes nas regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, são tipos sociais associados aos sentimentos de desprezo, piedade ou medo, originários de preconceitos geográficos.

Albuquerque Junior (2007) ressalta que o preconceito contra nordestinos é produto de construções históricas vinculado, entre outros fatores, pelo regionalismo nortista⁷ que surgiu da insatisfação das elites açucareiras com o descaso da União e o crescente destaque da área cafeeira. Esse processo impulsionou reivindicações e discursos regionalistas, adensado por outros desdobramentos. O primeiro deles é o da Grande Seca (1877-1879) que afetou todas as classes, especialmente proprietários de terras, levando muitos a migrar para outras regiões. A imprensa difundiu o sofrimento dos flagelados, inflamando os discursos nortistas entre parlamentares.

⁷ Anteriormente, o Brasil era dividido em Norte (abrangendo o atual Nordeste e Amazônia) e Sul. Assim, havia um regionalismo nortista, precursor do regionalismo nordestino (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A temática da seca foi capturada pela literatura naturalista, da geração de 1870, por autores do Norte, movimento que fomentou as representações acerca do homem nortista, suprimindo a ideia de um sertanejo de virtudes pela perspectiva do retirante, flagelado, estigmatizado pela sua condição de fome e miserabilidade. O sertanejo é então retratado como:

Um homem retornado à condição de animalidade pela fome e pela sede, um homem que se torna uma fera, capaz de matar e roubar [...]. Feras que abandonam todos os valores e costumes trazidos pelo processo de civilização e que caracterizam a condição humana, pessoas que são capazes, inclusive, de devorarem seus próprios filhos, em dolorosas cenas de antropofagia. Sertanejo que perde toda a noção de honra e todo orgulho e dignidade que o caracterizavam, para se curvar a exercer qualquer atividade ou se submeter a qualquer situação em nome da sobrevivência: prostituir-se, entregar-se ao crime, se submeter a esmolar pelas ruas da cidade, lutar com outras pessoas por um simples pedaço de pão (Albuquerque Júnior, 2007, p. 93).

Albuquerque Junior (2007) ressalta que fatores econômicos e sociais, como a cafeicultura e o trabalho assalariado na região sul, convergiram para relegar a região Norte um estigma de atraso e pobreza, subordinado ao Sul; imagem reforçada próprias elites nortistas. O autor evidencia que, em meio a diminuição da população local migrando para regiões cafeicultoras e das indústrias (década de 1920), São Paulo (cidade que se branqueava) recebeu muitos migrantes nordestinos; 60% desse contingente era composto por negros. Esses migrantes foram generalizados como "bairanos", uma alusão à população negra que trabalhava em atividades depreciativas, vistos como fora dos padrões urbanos e aquém dos códigos de conduta.

Assim reafirma Albuquerque Júnior:

Isto é o que motiva que, daí em diante, todos os migrantes vindos do Norte e depois do Nordeste sejam chamados pejorativamente de bairanos, que remete a uma população negra, pobre, dedicada às atividades mais desvalorizadas do mercado de trabalho, como aquelas ligadas à construção civil, ao comércio informal, aos empregos domésticos e que cultivam hábitos e costumes vistos como poucos civilizados, rudes, em descompasso com a polidez e os códigos que regem a urbanidade (Albuquerque Júnior, 2007, p.98):

Quando Epiácio Pessoa assumiu a Presidência, investiu em obras contra as secas no Norte e enfrentou a oposição da bancada cafeicultora, que devido aos desvios de recursos, reforçava estereótipos de corrupção na região (Albuquerque Junior, 2007). Assim, as elites locais moldaram o discurso sobre o Nordeste, representadas pelas figuras da casa-grande senzala e da família patriarcal, enfocaram o declínio econômico e a decadência da região, contrapondo-se à visão de desenvolvimento nacional. Na década de 1930, essa visão foi reforçada por movimentos artísticos regionalistas resistentes à modernização crescente nas grandes cidades e que mantinham um imaginário aristocrático do Nordeste, avessos ao mundo urbano.

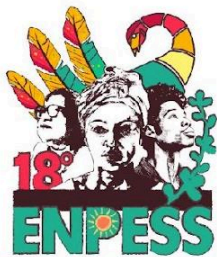
Essa concepção trará algumas implicações na forma como será construída a identidade do nordestino, segundo Albuquerque Júnior:

Grande parte da produção cultural que vai se nomear de nordestina será marcada por uma indisfarçável saudade da sociedade escravista, do Império e da vida rural. Isto é fundamental para entendermos porque hoje sofremos preconceito ao sermos vistos como pessoas atrasadas, incapazes de acompanhar a vida moderna, a vida na grande cidade; imagem que será reforçada quando, nos anos 40, intensifica-se a migração de nordestinos para as grandes metrópoles do Sul [...]. Ser nordestino começa a ser visto e dito como ser menor, dentro do concerto da economia e da política nacional, é ter menos oportunidade, é ter menores esperanças, começando a se gestar o complexo de inferioridade que acompanha boa parte da população desta região [...] (Albuquerque Júnior, 2007, p.102-103):

Assim, a imagem do Nordeste surge caracterizado por uma tradição cultural folclórica (folclorização nordestina) presa ao passado e reativa às mudanças, mantendo o que de mais condenável existia na sociabilidade burguesa. Essa regionalização cultural simbolizou a defesa da dominação de uma pequena elite em decadência, que se encontrava ameaçada pela hegemonia de outros estratos de classes dominantes no país (Albuquerque Júnior, 2007). Os estereótipos sobre nordestinos, inicialmente ligados à seca, evoluíram para associações com o coronelismo, cangaço e messianismo, sugerindo atraso e conservadorismo; uma realidade de terras áridas tal como as pessoas que as habitavam.

Em *A hora da estrela*, Macabéa carrega os estigmas das nordestinas. O narrador do romance, Rodrigo S.M., revela que o nome dessa personagem é fruto de uma promessa feita à Nossa Senhora da Boa Morte, destacando o peso das promessas no Sertão paraibano. No romance, Macabéa nasceu frágil, herança da aridez sertaneja, e teve pais que morreram jovens. Orfã aos 2 anos, foi criada por uma tia beata em Maceió que a repreendia fisicamente para prevenir um futuro desregrado. Já adulta, para enganar a fome, mastigava papel e tinha um odor característico de quem vive em condições precárias. Tem-se presente traços da estigmatização do fanatismo religioso, simbolizado pela tia beata, a pobreza marcante da protagonista e a representação do Nordeste como um local inóspito.

O Cangaço, comum principalmente nas últimas duas décadas do século XIX, serviu para perpetuar generalizações negativas sobre o nordestino. Essas milícias privadas, formadas por homens miseráveis agindo a favor dos latifundiários, levaram à criação de imagens associadas à agressividade, ao autoritarismo e ao poder ilimitado, personificadas na figura do coronel dominador. O personagem Olímpico de Jesus, namorado de Macabéa, é um exemplo dessa caracterização. Ambicioso e buscando poder na política, Olímpico é retratado de maneira



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

semelhante ao coronel, descrito por Rodrigo S.M. como uma semente do mal, guiado pela vingança e valorizando atos violentos como meios de afirmar sua honra.

Olímpico é a junção do estereótipo do nordestino autoritário, ao mesmo tempo em que possui uma forte religiosidade; além de explicitamente expressar o machismo e uma vaidade em relação ao poder e status. Situemos essa passagem em que Lispector (p. 46, 1998) nos apresenta que tais elementos estão contraditoriamente presentes nesse personagem:

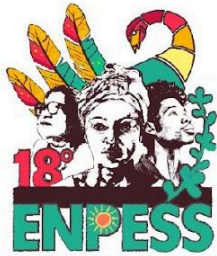
Uma coisa que tinha vontade de ser toureiro. [...] Não tinha pena do touro. Gostava era de ver sangue. [...] Aliás, matar tinha feito ele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de "cabra safado". Mas não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpia figuras de santos e eram tão bonitas que ele não as vendia. Todos os detalhes ele punha e, sem faltar ao respeito, esculpia tudo do Menino Jesus. Ele achava que o é, é mesmo, e Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro.

Outro elemento enfrentado pelos nordestinos e nordestinas foi o racismo, que devido à sua população majoritariamente mestiça, foram rotulado/as como preguiçoso/as aos moldes de concepções eugenistas da época. Estereótipos fenotípicos, como "cabeça-chata", sugeriam que estavam fora do padrão estético eurocêntrico. Além disto, a concorrência pelo mercado de trabalho intensificou o preconceito contra os nordestinos nas metrópoles do Sudeste, levando-os a ocuparem atividades subalternas. Ademais, as formas de fala das camadas populares nordestinas, desprestigiadas entre os sulistas, reforçam uma inferiorização cultural e intelectual, reafirmando estigmas do homem machista e moralista, comumente presentes em músicas⁸.

Em que pese as transformações no Nordeste desde os anos 1970, as mídias continuaram a reproduzir tais estereótipos. Albuquerque (2007) destaca que, mesmo com a complexa realidade nordestina, a região fortaleceu-se economicamente nas últimas décadas, impulsionando o desenvolvimento nacional através da modernização e acumulação de capital. Isso contradiz o estigma de parasitários; sendo a lógica do discurso do preconceito simplificar o complexo e homogeneizar o que é diverso.

Desmistifica-se a ideia do nordestino como preguiçoso, visto que a percepção do trabalho na região surgiu como resposta ao trabalho compulsório: o indivíduo livre controlava seu tempo de trabalho. Ademais, as contradições socioeconômicas do Nordeste são problemas inerentes ao modo de produção capitalista e da formação social e histórica brasileira, não sendo exclusivos de uma região.

⁸ A música *Tiro ao Álvaro*, autoria de Adoniran Barbosa e Oswaldo Moraes, reafirma o estigma do nordestino violento.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

O preconceito contra os nordestinos, alicerçado na desqualificação e estigmatização do outro, é permeado por preconceitos de classe e raça. Diferentemente do Sudeste, que experienciou um processo de branqueamento, o Nordeste manteve características étnicas mais diversificadas devido à sua estrutura fundiária e economia em retração. Paralelamente a essa desvalorização, há o preconceito contra a mulher, refletindo a ideia de inferioridade feminina. Saffioti (1987) argumenta que o patriarcado⁹ não é apenas um sistema de dominação masculina, mas também de exploração, pois se estende além da política e ideologia, impactando também o âmbito econômico.

A estrutura de poder frequentemente posiciona a mulher como inferior em relação ao homem, baseada em ideologias de supremacia masculina, intencionando o controle da vida reprodutiva da mulher, salários menores pelo mesmo trabalho e sua subjugação profissional, situando homens e mulheres socialmente em pólos diferentes da relação de dominação-exploração. A dominação masculina é justificada por discursos como a suposta superioridade da força física dos homens e a ideia de que mulheres são naturalmente voltadas para ambientes domésticos. Entretanto, Saffioti (1987) aponta que em algumas sociedades indígenas, as mulheres não estão limitadas ao domínio doméstico, mostrando que os papéis sociais variam culturalmente. Ela argumenta que na sociedade capitalista e patriarcal, o espaço doméstico é desvalorizado, e assim, a mulher é relegada a ele como se fosse uma "natureza feminina".

Assim expõe Saffioti:

[...] Em qualquer dos casos - o da dona-de-casa e o da mulher objeto sexual - a mulher está obedecendo aos padrões estabelecidos pela sociedade brasileira. Ela pode ser a esposa legal, a namorada oficial, ou pode ser a outra, aquela que proporciona prazer ao homem, mas a quem é negado o direito de ser a mãe dos filhos deste homem (Saffioti, 1987, p. 30):

Essa diferenciação de papéis é ainda mais explícita quando se trata da mulher nordestina das camadas populares, comumente representada de modo masculinizado, pouco atrativa, com valores rigidamente morais e tradicionais, condizentes para o casamento, mas não para relacionamentos românticos.

Glória e Macabéa são contrastantes na representação de arquétipos femininos. Glória personifica a mulher idealizada pelo olhar patriarcal e mercantilista: objeto sexual, andar sensual, carioca, loira, sendo um trunfo para Olímpico. Já Macabéa desafia esses padrões sociais,

⁹ Estrutura social que privilegia a dominação do homem sobre a mulher.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

apresentando-se sem os atributos físicos tradicionalmente valorizados. Sua descrição, marcada por características físicas frágeis e a ideia de que "a mulherice não lhe parecia ser uma vocação", coloca-a como antítese de Glória, demonstrando a variedade e complexidade dos papéis e percepções femininas na sociedade.

Destaca-se os seguintes:

Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu Glória, colega de Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. [...] Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico [...] Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade.[...] Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. [...] Em relação a Macabéa, Glória tinha um vago senso de maternidade (Lispector, p. 59-64, 1998):

O trecho acima evidencia a problemática da hipersexualização do corpo feminino preto no Brasil, histórica e estruturalmente enraizada por sua herança colonial de exploração escravocrata, voltada para agricultura dos grandes latifúndios, com centralidade na propriedade-classe, mostrando feições do patriarcado rural. A perspectiva racista e sexista situa a mulher negra majoritariamente em papéis domésticos e de trabalho compulsório: "Por ter sido escravizada, o seu lugar foi reduzido as tarefas domésticas na casa-grande, à objetificação sexual, o que conseqüentemente foi um dos responsáveis pelo reforço de estereótipos racistas e sexistas" (SANTOS; SALES, p.46, 2023).

O estereótipo feminino vem acompanhado de atributos negativos às mulheres, como a fragilidade, a resignação e a irracionalidade. Nessa perspectiva, Macabéa não reage, é doce e obediente, enquanto Olímpico simboliza a vitalidade masculina: "Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito, Macabéa tinha os ovários murchos como um cogumelo cozido" (Lispector, p. 58, 1998).

A construção desses estigmas se dá nos processos de socialização, determinando os papéis sociais e legitimando as relações assimétricas de dominador e dominado, em que o homem veste a máscara de macho e à mulher cabe-lhe a máscara de submissas.

Saffioti (1987) argumenta que a subalternidade da mulher brasileira é frequentemente justificada por dois fatores. O primeiro liga a desigualdade de gênero ao subdesenvolvimento econômico do Brasil, sugerindo que a igualdade viria naturalmente com o desenvolvimento econômico. No entanto, a autora desafia essa argumentação, fundamentando que a igualdade de gênero não ocorre espontaneamente e que sociedades capitalistas industrializadas ainda enfrentam desigualdades de gênero. O segundo reconhece que o preconceito racial, classista e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de gênero foi construído milenar e tradicionalmente por meio da educação formal e informal entre as gerações, a partir dos processos de socialização e não dadas naturalmente.

Assim, pode-se afirmar que a inferiorização da mulher é exclusivamente social, produto de um sistema de dominação-exploração que dissemina preconceitos e preserva privilégios, perpetuando o poder estabelecido pelo status quo das correlações de forças. Além disso, o patriarcado não é o único pilar de poder na sociedade, visto que a divisão por classes sociais também exerce dominação, com valores como competitividade e individualismo, refletidos, por exemplo, na busca de ascensão socioeconômica.

Olímpico encarna a competição e a fetichização do modo de ser burguês. Embora trabalhasse como operário, ele preferia identificar-se como metalúrgico, demonstrando um desejo de elevar seu status. Ansiava por um dente de ouro, um símbolo de ascensão material e social. Sua ambição é claramente expressa quando declara sua aspiração de riqueza, sendo sua "grandeza demoníaca" e sua "força que sangra", ilustrações poderosas dessa determinação.

Portanto, competição é característica central não só no papel do macho, no patriarcado, segundo Saffioti (1987), mas também é arraigada pela sociedade dos valores burgueses, fundada pela classe social, reproduzindo a lógica da exploração do assalariamento, da acumulação de riqueza e maximização do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Macabéa, Glória e Olímpico representam as relações sociais da autocracia burguesa brasileira dos anos 1970, moldadas por estruturas de poder e dominação, valores burgueses, patriarcais e racistas. Todavia, são metáforas atemporais, observadas suas particularidades, para os sem significância social na sociedade capitalista, marcada por relações mercantis e utilitárias.

Rodrigo S.M., o narrador da história, prepara os seus leitores: a história de Macabéa é sobre uma nordestina de existência vaga, que existia sob um viver ralo e "incompetente para a vida". Assim, ninguém a notava, era café frio sob um viver mecânico, em que mal consciência tinha: "onde ela era apenas um parafuso dispensável".

O narrador prenuncia que a história de Macabéa é a história de tantas outras nordestinas que experienciam uma vida comum, nem consciência têm que são substituíveis. Porém, é necessário corrigi-lo, a existência de Macabéa é a história de tantos outros sujeitos que vivem sobre essa forma de sociabilidade, carregados por valores de um sistema de exploração que os



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

distinguem, estigmatizam e os mercantilizam. A narrativa retrata a história daqueles que são irrelevantes socialmente, interpelados por uma realidade embrutecida por preconceitos que os subalternizam: os/as nordestino/as, as mulheres, a/os trabalhadoras/es, a classe que é espoliada, o receptor massificado que absorve inconscientemente as informações e noticiários.

Nesse sentido, Macabéa, Glória e Olímpico são alegorias dessas tantas formas de existências que são triviais para a sociedade. A hora da estrela, ou seja, a redenção da insignificância de Macabéa permanece próxima apenas na iminência de sua morte, somente nesse momento ela poderia ser algo. Entretanto, o enredo nos alerta: a história de Macabéa “é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam”. Isto é, à protagonista foi-lhe designado o anonimato social, em uma analogia aos sinos que por pouco não se tocam e por isso não produzem som algum, permanecem em silêncio; portanto, não são. É a ameaça do “quase-quase” badalar. “Macabéa é um acaso”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica de lugar: as fronteiras da discórdia.** - São Paulo: Cortez, 2007.

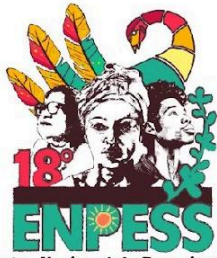
LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética.** São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MEMÓRIAS DA DITADURA In: Vlado Educação. Instituto Vladimir Herzog. 2009. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/radio/>>. Acesso em: 26 out. de 2022.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64.** - 17. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.



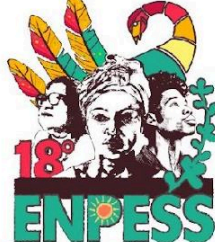
Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

SANTOS, G. G. P.; SALES, S. R. A. **Mulher Negra Brasileira, Miscigenação e o Estupro Colonial: O mito da democracia racial e o reforço de estereótipos racistas e sexistas.** Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 31, n. 1, 2018. DOI: 10.14393/CEF-v31n1-2018-3. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/41554>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes. **Crítica ao discurso sedutor do rádio e da publicidade.** Observatório de Imprensa. Edição 318. 01 mar. 2005



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**